

Brasilândia-MS, 30 de Janeiro de 1988.

CARTA CIRCULAR Nº 2

Agradecendo o apoio que companheiros, entidades, Imprensa e demais comunidades veem dando a Campanha em favor dos índios Ofayé Xavante, estamos enviando algumas informações mais atualizadas sobre o grupo.

Atualmente os índios encontram-se divididos em 4 grupos distintos. O 1º é o mais original deles e está formado por 16 pessoas (7 famílias). Todas elas vieram de Bodoquena (Oeste do estado do Mato Grosso do Sul) para onde foram levadas em 1978, quando foram expulsas da Fazenda Boa Esperança, em Brasilândia). Falam a língua Ofayé entre si e mantêm alguns de seus antigos costumes.

Acampados na margem direita do rio Paraná (27 Km da sede do município de Brasilândia), próximo ao Porto João André, encontram-se alojados em 6 barracos de lona, dentro de uma estreita faixa de terra (2,5 Hectares), formada basicamente de areia e capim colonião. 12 adultos (tendo uma jovem grávida) e 4 crianças utilizam para beber a água do rio que atualmente se encontra tremendamente poluído, o que tem causado febre, diarreia e doenças de pele nos índios. Graças ao apoio da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Brasilândia que cedeu-lhes um trator para o tombamento e preparo da terra, esperam neste início de ano, plantar feijão, mandioca e milho para sobreviverem.

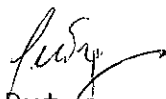
Outro grupo se encontra trabalhando na fazenda Almeida (17 Km da sede do município) e está formado por 5 famílias (aproximadamente 25 pessoas, sendo a maioria crianças). Trabalham plantando seringueira, roçando o café, trato com o gado e manutenção dos cercados da fazenda. Quase na sua totalidade não falam mais a língua Ofayé. Somente dois deles falam a língua e um somente entende.

O terceiro grupo está formado por índios que encontram-se espalhados pela região de Xavantina (100 Km de Brasilândia). Trabalham como peões boias-fria pelas fazendas e raras vezes se encontram com seus patrícios Ofayé para discutir a retomada de suas terras.

Um último grupo estaria estimado em algumas dezenas de Ofayé que comprovadamente se encontram dispersos pelas margens do rio Paraná. Porto XV e Porto "Chavantes" (município de Bataguassu), Porto Ivinhema (município de Taquarussu), Prudêncio Tomás (antiga Arueira dos Ofayé), distrito de Rio Brilhante, Porto Primavera (mu

nicípio de Bataiporã), entre outros, indicam a existencia de gran de número de remanescentes Ofayé Xavante, ainda não contatados.

A morte do índio Sebastião -ocorrida dia 25 último-, entre tanto, trouxe muita tristeza e desânimo ao grupo Ofayé que se encontra acampado na barranca do rio Paraná. Durante o sepultamento e os atos fúnebres realizados na igreja matriz do município de Brasilândia, mais de 50 índios (dos dois primeiros grupos, anteriormente citados) protestaram contra o descaso da FUNAI e das autoridades do Governo que ainda não tomou providências na delimitação de uma área de terra para o grupo.

  
Carlos Alberto S. Dutra  
p/CIMI-Diocese de Três Lagoas-MS

**OFAYÉ XAVANTE**  
AINDA ESTAMOS VIVOS  
CX. POSTAL N.º 12  
79.640 - BRASILÂNDIA - MS

# OFAYÉ XAVANTE

AINDA ESTAMOS VIVOS

CX. POSTAL N.º 12  
79.640 - BRASILÂNDIA - MS

Brasilândia-MS, 19 de Março de 1.988

Companheiros, Entidades, Imprensa, Sociedade em Geral.

A pressão que diversos setores da sociedade exerceram sobre a FUNAI e Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, surtiu efeito, pois, eles parecem, agora, estar dispostos a identificar uma área de terra para os índios Ofayé Xavante. Iniciativa que nasce de um convênio entre o Ministério do Interior (FUNAI) e o Governo do Estado do Mato Grosso do Sul (TERRASUL), pretende iniciar um levantamento técnico-geográfico para definir uma área de terra no estado para esta comunidade indígena.

Há um impasse, entretanto, no que se refere aonde o Governo e FUNAI pretendem identificar esta área. Segundo o Superintendente Geral de Assuntos Fundiários da FUNAI, Brasília, Daniel de Souza Marques, os índios querem somente "um pedaço de terra, em qualquer lugar, para que possam viver tranquilos..." (Correio do Estado, 12.03.88), o que configura-se num tremendo equívoco da parte do órgão tutor. Segundo o índio Ofayé Xavante, Ataíde Francisco Rodrigues (Jornal O Estado de São Paulo, do dia 13 de março último) "nós queremos voltar às margens do ribeirão Boa Esperança, pois foi ali que nascemos e é aquele local que estão sepultados nossos antepassados. Isto é um dever da FUNAI. Ou ela cumpre essa obrigação ou preferimos morrer aqui, nestes dois hectares que conseguimos por empréstimo, e que para nós é um pouco da nossa própria terra".

Neste sentido solicitamos a todos que se manifestem novamente em favor dos índios Ofayé Xavante, agora, num momento decisivo para a conquista de um pedaço da terra que historicamente lhes foi roubado. Cartas, telegramas e telex deverão exigir que FUNAI e TERRASUL garantam uma área de terra aos Ofayé Xavante nos domínios que antes lhes pertenciam, ou seja nas proximidades do ribeirão Boa Esperança, no próprio município de Brasilândia.

## MANIFESTAÇÕES PARA:

Sr. Aparício Rodrigues de Almeida

Diretor Geral do Departamento de Terras e Colonização do MS  
TERRASUL  
Rua 25 de Dezembro, 956  
79.100 :- Campo Grande - MS

Sr. Oriovaldo Cardoso Filho

Administrador Regional da FUNAI  
Rua 26 de Agosto, 127  
79.100 - Campo Grande - MS

OFAYÉ XAVANTE

Somos filhos desta terra!

Aqui nascemos, aqui queremos viver!

## MAIORES INFORMAÇÕES

Fone (067)546.7152.

**OFAYÉ XAVANTE**

AINDA ESTAMOS VIVOS

CX. POSTAL N.º 12  
79.640 - BRASILÂNDIA - MS

# Índios lutam contra a extinção

**LUIZ CARLOS LOPES**

Perseguida e massacrada desde o início do século, a nação dos índios ofalés xavantes se resume hoje a 11 pessoas confinadas em uma pequena área de terra às margens do rio Paraná, no município de Brasilândia, Mato Grosso do Sul. A quase extinta aldeia Esperança — que teve no passado milhares de integrantes — luta, sem armas, contra grandes inimigos, como a fome, as doenças e o alcoolismo. Cansado de esperar pela ajuda da Funai, o líder do grupo, Ataíde Rodrigues, se diz desiludido: "Acreditamos nas promessas e alcançamos a pura miséria".

Ataíde tem o olhar distante e cheio de revolta. É o único do grupo que conseguiu alfabetizar-se. Tem carisma e é respeitado como chefe.

Jovem, ele não vê conotação política na camiseta com a estampa "Nicarágua" que usa e que, como toda roupa dos índios que lidera foi doada por famílias da região. Sua única bandeira é um folheto impresso em preto e branco — com ajuda de algumas entidades —, onde, além de um breve histórico dos ofalés, os índios pedem o envio de cartas, telegramas e moções de apoio à sua causa ao presidente da Funai, Romero Jucá Filho.

"Quando estive em Brasília — disse Ataíde —, depois de 8 horas de espera, o presidente da Funai apareceu na ante-sala, posamos para algumas fotos. Ele logo se retirou alegando compromissos e prometendo que nosso problema seria resolvido. Eu nada pude dizer, acabei voltando para casa."

O índio lembrou-se que em 1970 o antropólogo Darcy Ribeiro dava os ofalés xavantes como extintos, desconhecendo que um pequeno grupo conseguiu manter-se unido em sua língua e costumes, na aldeia que fica às margens do ribeirão Boa Esperança, na propriedade de um fazendeiro já falecido, no município de Brasilândia. Eles viveram anonimamente até 1976 quando o Estado denunciou a grave situação em que eles se encontravam: completamente abandonados e atingidos pela tuberculose, anemia e alcoolismo.

Dois anos depois, a Funai — com muitas promessas, segundo Ataíde — convenceu os 30 remanescentes da aldeia a serem transferidos para a Reserva Indígena Cadiveu, na região de Bodoquena, em Mato Grosso do Sul. "Em lugar de terras — afirmou o chefe —, fomos jogados em meio aos conflitos que envolviam posseiros e os índios cadiveus. Depois de uma peregrinação de 30 dias em busca de um lugar para nos fixar, finalmente a Funai nos destinou dois lotes pequenos,

num varjão inaproveitável, onde ficamos durante oito anos. Tentamos plantar, mas não tínhamos sementes, e a solução foi trabalhar para os posseiros em troca de comida".

Durante o período em que ficaram na região de Bodoquena, cinco índios morreram com tuberculose. Os 25 que saíram ficaram distribuídos em propriedades rurais de Brasilândia. Segundo Ataíde, em abril de 87 o missionário do Cimi — Conselho Indigenista Missionário — Carlos Alberto Dutra Santos passou a atuar junto aos ofalés. Com promessas de fornecer alimentos e de encabeçar uma luta pela conquista da terra, Santos concentrou os índios na fazenda Almeida, onde outros 15 remanescentes da tribo já estavam vivendo como colonos.

A ajuda do Cimi foi pequena: "Esse órgão é ainda pior do que a Funai", disse Ataíde, que decidiu partir para as margens do rio Paraná. Do fazendeiro Luigi Cantone, proprietário da fazenda Cisalpina, obteve autorização para ocupar uma área de dois hectares junto ao rio, em frente do município paulista de Paulicéia. Pelo contrato de arrendamento gratuito, os ofalés podem ocupar a gleba até o ano 1991, quando está previsto o alagamento de toda a região pela hidrelétrica de Porto Primavera, atualmente em construção no rio Paraná. "Nós temos vergonha de dizer, mas a verdade é que estamos morando de favor nas terras que nos pertenciam."

## "Estamos vivos"

"Ainda estamos vivos." A frase destacada no folheto distribuído pelos índios, além de contestar definitivamente a tese de que os ofalés estariam extintos, sintetiza a luta atual dos últimos integrantes do grupo que lutam pela sobrevivência. Entre os 11 índios que vivem em barracas de lona e plástico às margens do rio Paraná (cinco homens, quatro mulheres e duas crianças), são evidentes os sinais de desnutrição e há suspeitas de que alguns estejam tuberculosos — "A maioria tem uma tosse forte e em janeiro um rapaz de 14 anos morreu com essa doença", disse Ataíde.

Nos dois hectares que ocupam é impossível produzir o suficiente para a sobrevivência. "Plantamos — prosseguiu Ataíde — um pouco de feijão e estamos esperando que a prefeitura de Brasilândia nos destine mantimentos." Entre os índios, o mais velho é Alfredo Gaspar, de 88 anos, o "vô", de cabelos brancos, dentes estragados e olhos lacrimejantes. Ele se lembrou dos tempos em que os ofalés eram milhares, não

havia lavouras e todos se alimentavam da caça, principalmente de onças e queixadas. Falou com saudades das terras da tribo, onde hoje estão os municípios de Três Lagoas, Brasilândia, Bataguassu, Nova Andradina, Bataiporã e Rio Brillante, todos em Mato Grosso do Sul. "Aí o brasil (homem branco) entrou aqui e tomou tudo. Depois ouvi dizer que o brasil falou que os índios não podem sofrer, mas estamos sofrendo", disse o vô. Ele se lembrou dos conflitos com os colonizadores e relatou uma chacina a que assistiu: "Mais de dez índios foram mortos a tiros perto do rio Paraná. Suas cabeças foram cortadas e seus corpos ficaram jogados no meio da mata sem serem enterrados".

## Esperança, ainda

Para Ataíde Rodrigues só há uma esperança para os ofalés: a destinação, pela Funai, de uma área, no município de Brasilândia, para que seu povo possa fixar-se e fugir ao desaparecimento.

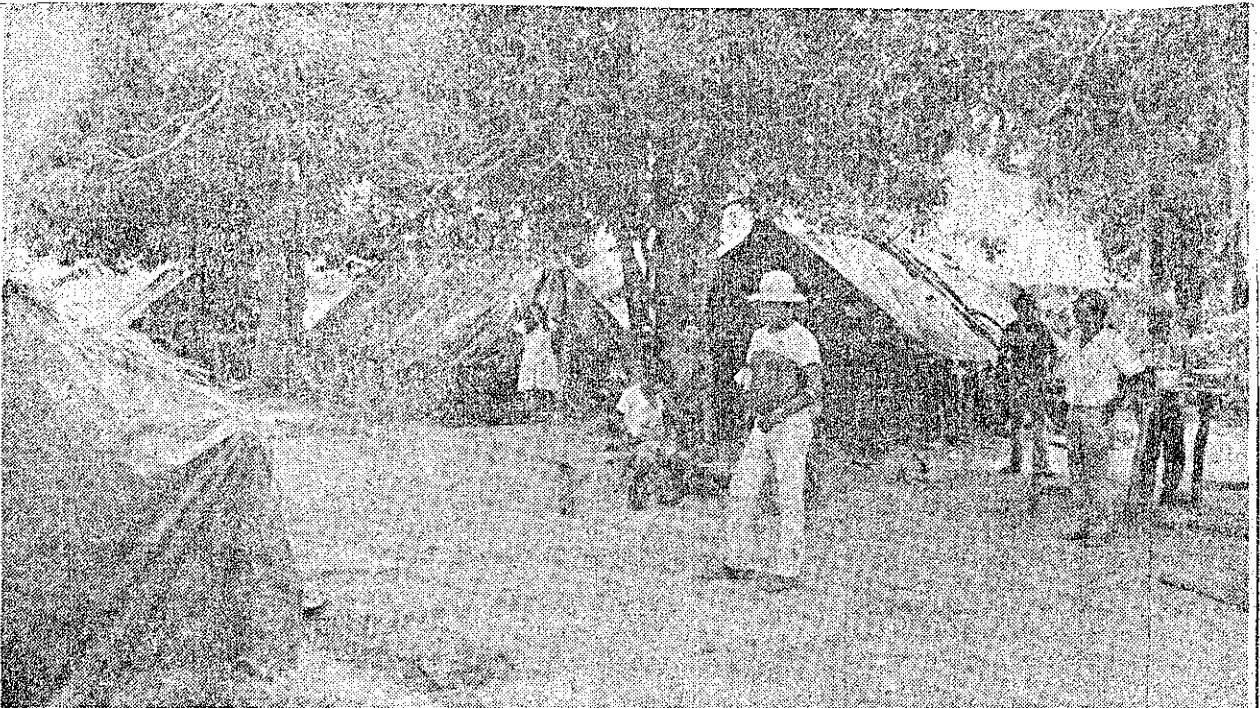
Há alguns meses, representantes da Funai em Mato Grosso do Sul estiveram com o grupo e o superintendente de Assuntos Fundiários do órgão sugeriu três formas para recuperar as terras dos ofalés: o levantamento histórico, por um grupo de trabalho interministerial, do território requerido; a desapropriação de uma área para transformá-la em reserva; ou a aquisição de uma pequena parcela de terra para onde os índios seriam transferidos.

Ataíde não esconde sua revolta ao lembrar que a burocracia por certo consumirá vários anos. Disse que seu povo não tem mais tempo a perder: "Somos os últimos ofalés e nossa resistência está no fim". Ele afirmou que a Secretaria de Assuntos Fundiários de Mato Grosso do Sul propôs destinar ao grupo uma gleba de 500 hectares perto de Coxim, mas a oferta não foi aceita pelos índios: "Nós queremos voltar às margens do ribeirão Boa Esperança, pois foi ali que nascemos e é naquele local que estão sepultados os nossos antepassados. Isso é um dever da Funai. Ou ela cumpre essa obrigação ou preferimos morrer aqui, nesses dois hectares que conseguimos por empréstimo, e que para nós é um pedaço de nossa própria terra".

O índio citou uma frase, de sua autoria, impressa no folheto que distribuiu: "As nossas almas são tímidas perante esses comprometidos cheios de egoísmo, mas vamos ter nossa comida com suor e ajuda de Deus".

Marília/Agência Estado





*Luiz Carlos Lopes*

**Os últimos ofaiés xavantes vivem doentes em barracas, sem comida e sem remédio**

FOTO: C. A. DUTRA



"DUAS GERAÇÕES"

DOURADOS/CIMI REGIONAL MS  
MAIO/87

FOTO: C. A. DUTRA



"VÓVÓ" ALFREDO CUÊMBE  
BRASILÂNDIA, MAIO/87